



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

RIO DE JANEIRO, 17 DE DEZEMBRO DE 1959

PARANINFANDO SOLENIDADE DE FORMATURA NA SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA INGLESA.

900 O convite com que fui distinguido para servir de paraninfo nesta solenidade de formatura proporcionou-me duas emoções: ao mesmo tempo que minha imaginação antevia o encontro desta noite com a gente mûça do Brasil de amanhã, minha saudade ia buscar, no arquivo das boas lembranças indeléveis, os dias não muito distantes em que, na Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, em Belo Horizonte, tive ensejo de dar um pouco de meu esforço e o melhor do meu entusiasmo em prol da atuação dêste benemérito instituto em Minas Gerais.

901 Por êsse tempo, a causa da cultura inglesa tinha o sentido de uma tomada de posição e uma bandeira de lutas, porque se confundia com a causa da sobrevivência da civilização cristã no mundo ocidental.

A conflagração que abalava o mundo desde 1939 tinha colocado a humanidade nas pontas de um dilema polêmico. Numa dessas pontas, a Inglaterra havia liasteado, desde as primeiras horas da luta, o símbolo de seu pavilhão. E êsse pavilhão expressava tôda uma teoria de valores na ordem social e na ordem política, a que não tínhamos o direito de ser indiferentes, tanto pelo sentido cultural de nossas aspirações como pelas razões profundas de nossa formação histórica. 902

O que a Inglaterra significava nesse momento não era unicamente o espírito de luta de um grande povo na defesa dos bens patrimoniais de sua cultura — era a própria civilização ocidental, tal como a sentimos e compreendemos, na plenitude dos direitos humanos, a bater-se pela preservação das liberdades básicas sôbre as quais o mundo assentara o mais alto monumento de sua própria grandeza. 903

No entanto, por fôrça do conflito que dividiu a humanidade no contraste das ideologias inconciliáveis, essa posição da Inglaterra, como atalaia do sistema de valores de nossa cultura, dava pretexto a controvérsias, que se erguiam à sua volta com o fragor das ondas que se alteiam e rugem na orla escarpada das Ilhas Britânicas nos dias de temporal. 904

Precisamente nessa hora, quando a sorte da guerra era ainda uma indagação ansiosa que fazíamos à nossa perplexidade, foi que me encontrei a vosso lado, na defesa da cultura inglêsa, que hoje nos congrega na solenidade desta festa de formatura. 905

O que devemos à Inglaterra, no plano da nossa formação como povo e como unidade política, não se limita ao pecúlio de idéias que moldaram a fisionomia parlamentar do Império brasileiro. 906

Sem remontar ao periodo da Colônia, quando a influência inglêsa se processava de forma indireta 907

através dos contactos de Portugal com a antiga aliada dos tempos de D. Dinis, e que veio até nós no bojo caravelas lusitanas, podemos afirmar que êsse influxo nos acompanha ao longo de tôda a nossa história de povo soberano, ora como fôrça normativa, moldando hábitos, costumes, usos e tradições, ora como experiências de cultura, que ajustamos à realidade brasileira, como é o caso da instituição do júri, definitivamente integrado nas conquistas de nosso Direito, ou ainda do *habeas-corpus*, também assinalado em boa hora aos valores de nossa consciência jurídica e nossa estrutura judiciária.

908 A abertura dos portos brasileiros ao comércio internacional, com que a sagacidade política do Visconde de Cairu deu início à preparação do país como unidade independente, permitiu-nos o contacto directo com os valores da cultura inglêsa, através da dupla influência material e moral, esta a princípio inferior àquela, depois mais intensa e mais fecunda, sobretudo na ordem dos valores intellectuais.

909 No velho liberalismo inglêz, aprendido nos dias da juventude ao calor das convicções paternas, Rui Barbosa moldou o seu próprio liberalismo, caminho de sua trajetória política e fonte essencial de muitas de suas idéias na tribuna forense e na tribuna parlamentar.

910 O pensamento político de Joaquim Nabuco não teve outra inspiração. A obra de Baghot, por êle recapitulada num dos capítulos mais belos de seu livro de memórias, está na raiz de sua formação política, na condição de núcleo radiativo que lhe alcança o esplendor da intelligência, desde a juventude ao harmonioso outono sem velhice.

911 E como Rui e Nabuco, muitas e muitas outras figuras de primeiro plano de nossa cultura e de nossa

vida política poderiam ser instantâneamente lembradas, na ordem da mesma dívida moral. Uma, entretanto, há de ser necessariamente lembrada: a do nosso maior escritor.

Sem a influência inglesa, que lhe permitiu a descoberta de seu próprio riso polido através do humorismo de Sterne, Machado de Assis não teria chegado às mais perfeitas soluções de seu gênio literário, na seqüência de obras-primas que se inicia com as *Memórias Póstumas*. 912

O vasto cabedal de lições fecundas que a Inglaterra nos tem proporcionado poderia circunscrever-se a êsses exemplos ilustres para que o nosso reconhecimento público tivesse o sentido das dívidas irresgatáveis. 913

Não nos esqueçamos de que, nas lutas por nossa independência política, Londres foi o centro de irradiação do *Correio Brasiliense*, em cujas páginas combativas, inspiradas diretamente no exemplo das liberdades inglesas, Hipólito José da Costa trouxe para o lume do jornal o sonho de emancipação da sua pátria. 914

À hora dessa emancipação, lord Cockrane incorpora-se à causa dos brasileiros, com o seu tirocínio, a sua bravura e a sua solidariedade atuante e completa no comando de seu barco o painel de nossa independência. 915

Contamos com a solidariedade da Inglaterra para que fôsse desviada de nosso litoral a rota dos navios negreiros, contra a qual se erguiam as apóstrofes mais veementes de nossa poesia social e os protestos mais exaltados de nossa eloquência política, no comício das praças públicas e na tribuna parlamentar do Império. 916

No tocante a nossas ferrovias, quando as primeiras locomotivas inauguraram uma nova etapa de nosso 917

desenvolvimento econômico, foi com a colaboração inglesa que empreendemos esse passo para o futuro.

918 No entrecruzar sucessivo de tantos caminhos — na ordem técnica, na ordem material, na ordem política, na ordem intelectual — a Inglaterra não nos transmitiu apenas a lição de seus técnicos, de seus estadistas, de seus escritores, de seus economistas, de seus filósofos e de seus heróis. Deu-nos sobretudo a lição de seu exemplo como nação amadurecida por séculos de aprimoramento cultural, de que é via de acesso a língua em que Shakespeare encontrou a palavra exata para tôdas as paixões humanas nos conflitos eternos de seu teatro.

919 A lição da Inglaterra como povo e como unidade política tivemo-la ao alcance dos olhos, como na recapitulação dos heróis de tôda a sua história, no entrecchoque da última grande guerra. Dia a dia, hora a hora, tôda uma coletividade se viu apertada no cêrco dos ataques impiedosos — e os reveses do combate jamais significaram pretextos a desalentos. As casas iam pelos ares, calavam-se os sinos das igrejas, as estradas desapareciam nas crateras cavadas pelas bombas inimigas, e o povo se refazia de cada arremetida com a consciência de que nada podia prevalecer contra o sentimento de coesão de sua unidade política solidamente plantada em muitos séculos de tradições sagradas.

920 Esse heroísmo da Inglaterra, coerente, natural, sem alardes, foi testemunhado por todo o mundo, que se voltava para o baluarte de suas ilhas sabendo que ali se decidia o caminho que a humanidade ia seguir.

921 Nessa hora, o Instituto Brasileiro de Cultura Inglesa, sabendo que a guerra não implicava na destruição de sua cultura nem podia mudar-lhe os rumos ou

alterar-lhe a expansão, continuou a multiplicar em nosso país os seus núcleos de trabalho, perfeitamente seguro de que a eventualidade de conflagração mundial em breve passaria. O que não passaria era o tesouro de sua língua depurada e o patrimônio universal de sua literatura.

Mas a lição da guerra já pertence à história. A de agora, para a qual devemos voltar a nossa atenção, é a lição da paz, que a Inglaterra dá ao mundo com a estabilidade de sua estrutura como nação soberana. Os povos jovens, como os adolescentes impetuosos, têm a sedução dos conflitos, que lhes parece constituir a chave de tôdas as transformações que desejam instituir ou implantar. Quem dispõe de liberdade plena para a expansão de seu pensamento e conhece por experiência a validade de seu voto nos pleitos populares, não tem o direito de buscar nas soluções de violência os rumos para o seu país. Por isso, logo depois da guerra, quando sir Wiston Churchill parecia não corresponder a uma corrente ponderável de aspirações populares, foi pelo voto que o afastaram da cena política. E foi ainda pelo mesmo voto que novamente o restituíram, merecidamente, ao cenário, sem que os duas atitudes, correspondendo a correntes de opinião, traduzissem a ansiedade das rebeldias impulsivas. 922

É essa lição, meus jovens amigos do Instituto Brasileiro de Cultura Inglesa, que a Inglaterra vos dá, com a sua sobrevivência como unidade política e como expressão amadurecida de civilização. Dominais o seu belo idioma. Conheceis os seus mistérios e as suas sutilezas. Mas não vos esqueçais de que o mais alto ensinamento que aqui recolhestes, perpassando a história gloriosa da cultura inglesa, é a mesma que inscrevemos no lema de nossa bandeira e de que nunca nos devemos esquecer: façamos da ordem a base de nosso 923

progresso. O Brasil já alcançou a sua maturidade política. Cada um de nós tem a plenitude de sua liberdade de opinião e de ação. Essa liberdade, que eu me honro de ter respeitado como um patrimônio sagrado, não pode ser desfeita por impaciência política. Ela não nos pertence, porque é uma conquista de todos nós. As controvérsias da hora que passa são acidentes do tempo. O essencial é que o país prevaleça na sua unidade e na sua grandeza e que vós possais encontrá-lo num futuro próximo perfeitamente integrado na condição de uma das maiores nações do mundo, seguindo assim o exemplo que a Inglaterra sempre nos proporcionou.